

ANÁLISE DA ESTRUTURA RETÓRICA DE ARTIGOS DE OPINIÃO: SUBSÍDIOS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA

Rita Rodrigues de Souza¹
Graziela Vilela Mellote²

As formas de escrita são fenômenos históricos – criados, reconhecidos, mobilizados e fortalecidos dentro da mente de cada escritor e leitor em momentos sócio-históricos específicos, mas transmitidos na acumulação de textos. (BAZERMAN, 2006, p. 59)

RESUMO

Este artigo traz uma análise do funcionamento da estrutura retórica do gênero artigo de opinião, ou seja, o funcionamento das diferentes partes que formam a composição dele. Para tanto, analisou-se a estrutura retórica de cinco textos selecionados como vencedores na Olimpíada de Língua Portuguesa. A análise possibilitou a verificação de que os movimentos que compõem a estrutura retórica desse gênero permaneceram inalteradas nos diferentes textos, porém os articulistas (discentes) os utilizaram de modo particular. O conhecimento das características de cada movimento, contemplando a estrutura retórica, pode ser uma ferramenta útil para o ensino e aprendizagem de leitura e escrita de textos desse gênero textual.

Palavras-chave: gênero textual, estrutura retórica, ferramenta de ensino e aprendizagem, leitura e escrita.

Introdução

Os gêneros discursivos, contemporaneamente, são considerados meios, ao mesmo tempo, padronizados, dinâmicos, flexíveis, sócio-históricos, retóricos e ideológicos. São

¹ Professora do Instituto Federal de Goiás - Câmpus Jataí. Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Paulista (UNESP). Membro do Núcleo Multicampi de Pesquisa e Estudos em Linguagem. E-mail: ritarodrigues.souza@bol.com.br.

² Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade de Ilha Solteira (2007). Possui graduação em Letras-Tradutor/Intérprete em língua inglesa pela União das Faculdades dos Grandes Lagos (2004), graduação em Letras pela Universidade Paulista (2008). E-mail: grazielamellote@yahoo.com.br.

empregados na construção de sentidos por membros de uma determinada comunidade discursiva³ para expressarem, negociarem e/ou imporem valores, crenças, culturas (BAWARSHI; REIFF, 2013). Esses meios (*gêneros*) configuram-se, então, como fenômenos de uso social da língua(gem). Como pontua Bazerman (2006), eles são históricos, situados e transmitidos por meio de textos. Assim, podem ser compreendidos e empregados como objetos e ferramentas de ensino e aprendizagem em situação formal para o trabalho com a leitura, escrita, produção e compreensão oral.

O gênero artigo de opinião, por exemplo, tem sido objeto de alguns estudos acadêmicos. Trabalhos como os de Souza (2003), Silva (2008), Freitas (2009) e Cavalcanti (2011) abordam-no. O primeiro trabalho se debruça sobre questões atinentes ao ensino e aprendizagem do artigo de opinião para estudantes da primeira fase do Ensino Fundamental. O segundo trata a conscientização do educando sobre a leitura de artigo de opinião jornalístico para habilitá-lo para a produção de textos. O terceiro trabalho (FREITAS, 2009) identifica, com base em Swales (1990), a estrutura retórica dos textos apresentados como exemplos de artigo de opinião no Caderno do Professor do Programa Escrevendo o Futuro e no livreto das Olimpíadas de Língua Portuguesa, publicados nos anos de 2002, 2004 e 2006. Já o quarto busca analisar os critérios definidores da produção do artigo de opinião no contexto do Ensino Médio (EM).

Os estudos supracitados apresentam uma preocupação com o trabalho de sala. Com o presente artigo, visamos a investigar sobre o funcionamento da estrutura retórica do gênero artigo de opinião, ou seja, o funcionamento das diferentes partes que formam a composição dele. Para tanto, analisamos a estrutura retórica dos cinco textos selecionados como vencedores do gênero artigo de opinião na Olimpíada de Língua Portuguesa da edição de 2012. Adotamos Freitas (2009) como ponto de partida para a realização das análises.

³ O conceito e caracterização de comunidade discursiva (CD) são discutidos em Swales (1990; 1992). Resumidamente, consiste em um grupo que se encontra em evolução e cujos objetivos podem ser distintos, desde que relacionados a um propósito comum, acompanhando, assim, o dinamismo da própria sociedade, como discute Aranha (2004). Essa autora, já em 1996, sugeria a existência de um processo de autoalimentação entre a CD que desenvolve determinados gêneros e a existência de gêneros específicos que configuram grupos sociais como CD.

A análise da estrutura retórica de artigos de opinião, em uma abordagem comparativa, contempla a necessidade pedagógica de (a) verificar que movimentos retóricos estão sendo empregados por diferentes discentes do EM, de diferentes escolas e diferentes contextos históricos na elaboração do discurso e (b) verificar se houve alguma mudança no emprego da estrutura retórica do artigo de opinião como definida em Freitas (2009) e comentada, neste artigo, na seção 3.2.

A partir desses objetivos, buscamos responder as seguintes perguntas: (1) Que movimentos retóricos compõem a estrutura retórica dos artigos de opinião vencedores da Olimpíada de Língua Portuguesa 2012? e (2) Houve alguma mudança no emprego da estrutura retórica dos artigos de opinião vencedores da Olimpíada de Língua Portuguesa de 2012 em relação aos movimentos retóricos identificados em Freitas (2009)? Caso sim, quais?

Apresentamos, inicialmente, uma discussão teórica a respeito da conceituação de gênero textual na abordagem sociorretórica, em um viés que permite tratar as implicações pedagógicas (SWALES, 1990, 2004, 2009; BAZERMAN, 2006, 2013; HYLAND, 2004; BAWARSHI; REIFF, 2013). Em seguida, tratamos a respeito da análise de gênero, trazendo os conceitos que subsidiaram a análise de dados (SWALES, 1990, 2004; HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005; ARANHA, 2007; BAWARSHI; REIFF, 2013).

Na sequência, abordamos especificamente o conceito de gênero artigo de opinião (ABAURRE; ABAURRE, 2007) e a estrutura retórica (FREITAS, 2009) como uma maneira de delimitar as nossas análises e discussões. Continuamos com a apresentação da metodologia de análise, apresentação e descrição do *corpus*. Em seguida, a análise dos dados e a retomada das questões de pesquisa. Por fim, nossas considerações.

Gênero textual na abordagem sociorretórica: do conceito às implicações pedagógicas

Acerca do conceito

Os gêneros textuais abrangem os eventos comunicativos e, nos termos de Bazerman (2006), incorporam a vida existente neles. O autor argumenta que ela é essencial para a compreensão do que seja gênero e seu funcionamento. Aranha (2004), na esteira de Swales (1990), nos explica que eventos comunicativos compreendem o uso social da língua, incluindo discurso, função do discurso, participantes, contexto de produção e recepção, associações históricas e culturais.

A partir da compreensão de evento comunicativo, para Swales (1990) uma concepção de gênero contempla a apresentação de padrões característicos da sua composição, estilo e propósitos, manifestando valores socioculturais nas mais diversas e variadas situações sociais. Assim, Swales (1990, p. 58), fundamentado nos estudos culturais, literários, linguísticos e retóricos propõe que

um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade de discurso e, assim, constituem a justificativa para o gênero. Essa lógica modela a estrutura esquemática do discurso, influencia e restringe a escolha de conteúdo e estilo. (SWALES, 1990, p. 58, tradução nossa)⁴

Pela definição de Swales (1990), os gêneros são mais do que textos. Eles são necessários para entender como os textos se organizam nos níveis informacional, retórico e estilístico. Logo, apenas o conhecimento textual é insuficiente para compreender a totalidade do gênero. Swales (2004, p. 61), discutindo o seu próprio conceito de gênero, advoga, também, pela caracterização de gêneros como sendo essencialmente esforços metafóricos, tanto quanto as várias metáforas que podem ser invocadas em várias proporções de acordo com as circunstâncias.

Uma das metáforas refere-se a *gênero como frame* da ação social que consiste em ver os gêneros como um sistema de ação social. O autor, entretanto, ressalta que o

⁴ A genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes. These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style.

conhecimento do gênero é condição necessária, mas nunca suficiente para o sucesso discursivo. *Gênero como padrão* configura-se em outra metáfora, segundo Swales (2004) citando Devitt (1997). Nessa metáfora, os gêneros apresentam regras que não são absolutas, mas são concebidas em termos que são sociais e retoricamente apropriadas e, então, os gêneros estão sujeitos à mudança com o passar do tempo.

Gênero como espécie biológica constitui-se em mais uma metáfora e relaciona-se à especiação na natureza e generificação na cultura, ou seja, os gêneros evoluem, propagam e morrem. *Gênero como família* representa que alguns membros da categoria são mais centrais que outros (Prototípicos). Um importante ponto aqui é que um membro de uma família pode adquirir muito das características de outro membro como parte do processo de evolução genérica. *Gênero como instituição* consiste em ver as instituições além da manifestação material, retratando a função que cada um exerce na instituição. Ainda, citando Bazerman (1994), Swales (2004) apresenta a metáfora de *gênero como atos de fala* que encerra a ideia de que a teoria dos atos de fala pode dar uma nova precisão para os sentidos e objetivos retóricos.

Swales (2009), contudo, comenta que algumas tendências de consolidação do conceito de gênero parecem surgir. Tais tendências incluem: a) o equilíbrio entre a restrição e escolha; b) o papel de coloração contextual local na realização de exemplares do gênero, como a predileção do brasileiro para usar *Considerações Finais* para o título final da seção do artigo; c) um sentido maior que gêneros e conjuntos de gênero estão sempre evoluindo em resposta às várias exigências; e d) uma consequente abordagem de gênero mais sutil à sensibilização e aquisição de gênero. A esse último ponto agregamos o posicionamento de Aranha (2007, p. 4) de que o conceito de gênero vem sendo amplamente utilizado para a delimitação de estruturas retóricas/discursivas presentes em diferentes realizações da língua falada ou escrita.”

Às ponderações de Swales (1990; 2004; 2009) e de Aranha (2007) somam-se os comentários de Bawarshi e Reiff (2013, p. 16) que, por sua vez, afirmam que mais contemporaneamente, em várias áreas de estudo, o gênero passou a ser definido menos como um meio de organizar tipos de textos e muito mais como “um poderoso formador de

textos, sentidos e ações sociais, ideologicamente ativo e historicamente cambiante”. Por meio dessas concepções, percebemos a importância dos gêneros textuais como “motores” das interações sociais. Essas ideias geram, conseqüentemente, mudanças no âmbito das práticas educacionais, tema da próxima seção.

Acerca das implicações pedagógicas para o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita a partir de gêneros textuais

Nas abordagens dos Estudos Retóricos de Gênero para o ensino e aprendizagem da escrita, como tratadas em Bawarshi e Reiff (2013, p. 228), postula-se o trabalho com os gêneros em sala de aula conservando “sua complexidade e seu *status* como algo mais do que simples traços retóricos tipificados”. Os pesquisadores dessas abordagens, porém, geralmente, “defendem [...] uma abordagem baseada na aprendizagem, mas o desafio permanece, especialmente para os pesquisadores e professores nos estudos da escrita: como podemos usar nosso conhecimento de gêneros para dar suporte ao ensino da escrita?”

Com o intuito de responder essa questão, Bawarshi e Reiff (2013, p. 229) se apoiam em outras áreas do conhecimento. Os autores comentam que, na área da Educação e da Psicologia, a metacognição apresenta-se “como um importante componente da transferência de conhecimento, especialmente atravessando contextos distintos do tipo que os estudantes encontrarão em cursos básicos de escrita, cursos em diferentes disciplinas acadêmicas e em ambientes profissionais.”

No curso das preocupações expostas em Bawarshi e Reiff (2013), subjazem as preocupações de Swales (2004) relacionadas às questões: que tipo de teoria de gênero serve melhor se os objetivos são pedagógicos?; há uma única teoria de gênero para todas as circunstâncias?. Ainda, seria melhor, em termos de Linguística Aplicada, uma visão de gênero que é de algum modo diferente de uma visão que pode ser mais adequada ao estudo literário, à teoria retórica, ou à história retórica? Compreendemos, com esses questionamentos, que a metacognição, por si só parece não ser suficiente para suprir demandas de apropriação de gênero.

Em Hyland (2004), encontramos alguns tipos de conhecimentos socioculturais que provavelmente são importantes para uma (com)(a)preensão de gênero. Acreditamos que eles também corroboram a ideia da necessidade de complementar a prática de metacognição, a saber: o conhecimento da instituição em que o gênero é usado; o sentido que o gênero tem para aqueles que o usam; a intertextualidade, ou seja, aqueles elementos que são emprestados ou antecipados de outros textos; o (des)conhecimento do público; o grau de formalidade, autoridade, intimidade, e outros aspectos interpessoais associados com ele; os usos típicos de gênero e como eles são usados; os tipos de propósitos a que os gêneros servem; e, as funções implícitas ou colocadas à disposição para escritores e leitores, entre outros.

Esses tipos de conhecimentos, elencados em Hyland (2004) para a (com)(a)preensão de gênero, nos possibilitam perceber que “a consciência de gênero e a habilidade de nos adaptar às variedades de ação possíveis, usando um amplo espectro de ferramentas linguísticas, nos preparam, e a nossos estudantes, para a participação de amplo alcance e a inovação deliberada” (BAZERMAN, 2013, p. 14). Dentre as várias ferramentas, podemos compreender e utilizar a análise de gênero.

Análise de Gênero: mais que um conceito, uma ferramenta

Conceito

Análise de gênero, a partir de Swales (1990)⁵, refere-se ao estudo do gênero via texto. Entretanto, para Swales (1990; 2004) a análise textual em si não fornece uma base lógica que explique o porquê de os gêneros terem certas características. Assim, o autor passa a considerar os papéis que os textos têm nos contextos que são empregados. Na mesma direção, Aranha (2007, p. 5) nos explica que a análise de gênero visa a estabelecer as macrofunções discursivas de diferentes textos, em que se busca demonstrar “o esforço

⁵ Bhatia (1993) discute o conceito de Análise de Gênero, ampliando-o. Devido a limitações de espaço não o apresentaremos neste artigo.

retórico do autor [...] utilizado para veicular um determinado sentido buscado por ele e passível de ser compreendido pelo leitor.”

Para Hemais e Biasi-Rodrigues (2005), a obra de Swales trata os conceitos chave na análise de gêneros, delinea a própria área de pesquisa e utiliza a análise textual para iluminar o gênero e as práticas sociais que eles realizam. As autoras enfatizam também que os trabalhos aplicados de Swales visam a desenvolver nos aprendizes o conhecimento de gêneros e a capacidade de produzir textos que realizem, de modo bem-sucedido, as características do gênero em estudo. A análise de gênero, então, constitui-se como uma ferramenta útil à prática pedagógica.

Uma ferramenta: análise de gênero

Conceitos importantes para a análise de gênero são: estrutura retórica, movimentos (*moves*) e passos (*steps*) retóricos. Eles oferecem subsídios para o reconhecimento dos gêneros e das práticas sociais que os envolvem, numa perspectiva sociorretórica. Exemplos desses conceitos podem ser encontrados na estrutura do *CARS*⁶ - *Create a Research Space* (*Criar um espaço de investigação*) - modelo de análise de introdução de artigo científico elaborado por Swales.

Neste artigo, o conceito de movimentos está sendo empregado no sentido usado por Aranha (2007, p. 11), sendo então, o “conteúdo encontrado (ou que se deve encontrar) em uma determinada parte do texto, organizado de uma forma específica, sem menção à sua estrutura linguística propriamente dita”. Conforme os objetivos deste trabalho, deter-nos-emos somente aos movimentos retóricos presentes em 3.2.

Aranha (2007) argumenta que dentre as preocupações de uma analista de gênero, fundamentado em uma concepção sociorretórica de gênero, constam: (a) a delimitação de características textuais convencionais ou típicas de qualquer gênero específico na tentativa de identificar correlações entre forma e função que possam ser usadas pedagogicamente; (b) a explicação, no contexto sócio-cultural, de tal caracterização bem como as limitações

⁶ Para uma discussão acerca das transformações do *CARS* confira Aranha (1996; 2004; 2007).

cognitivas que operam em uma área relevante de especialização; e (c) a identificação de diferentes partes que formam a estrutura genérica a partir da produção textual final, pois é por meio do texto que se podem perceber similaridades ou não com outros textos que compõem o inventário textual social e historicamente construído e compartilhado.

Já para Hemais e Biasi-Rodrigues (2005), o valor do modelo *CARS* está na visão de que há movimentos retóricos que parecem estar presentes comprovadamente nos textos e essa ideia principal da existência de movimentos e regularidade neles é uma contribuição importante em termos teóricos, analíticos e pedagógicos. Para Bawarshi e Reiff (2013, p. 112), “a habilidade de saber como negociar os gêneros e como aplicar e transformar estratégias de gênero (regras do jogo) em práticas textuais (performance real) implica o conhecimento [...] de apreensão (*uptake*)”. Assim, faz-se necessário conhecer como os gêneros se comportam dentro dos contextos de uso, como são conceituados e podem ser caracterizados retoricamente.

O gênero artigo de opinião: conceito e estrutura retórica

Conceito

Abaurre e Abaurre (2007, p. 256) afirmam que o artigo de opinião se refere a um gênero textual nitidamente argumentativo que objetiva apresentar o ponto de vista de quem o assina a respeito de alguma questão importante no atinente aos contextos sociais, políticos, culturais entre outros. As autoras declaram, ainda, que o caráter argumentativo do artigo de opinião “é evidenciado pelas justificativas de oposições arroladas pelo autor para convencer os leitores da validade da análise que faz.”

Como o próprio nome já suscita, para Cavalcanti (2011), o artigo de opinião tem como principal propósito comunicativo a emissão de opinião, por isso, há fronteiras tênues com gêneros que apresentam cadeias argumentativas semelhantes a ele, tais como a crônica, o ensaio, o ponto de vista, a resenha ou crítica, a carta de opinião (tanto do leitor,

quanto ao leitor), dentre outros em que podem se transmutar e assumir características equivalentes. Aqui recordamos a metáfora swalesiana de *gênero como família*.

Freitas (2009) estuda a macroestrutura do artigo de opinião, especificamente, o trabalho na Olimpíada de Língua Portuguesa. Passamos à síntese dessa macroestrutura.

Estrutura retórica do artigo de opinião da Olimpíada de Língua Portuguesa

A Olimpíada de Língua Portuguesa, com periodicidade bienal, realiza um concurso de produção de textos que premia as melhores produções de alunos de escolas públicas de todo o país. Ela constitui-se, também, como um programa de formação de professores fundamentado na experiência da Fundação Itaú Social e do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), que desenvolveram o Programa *Escrevendo o Futuro*, em 2002, com o objetivo de contribuir para a melhoria da escrita de estudantes de escolas públicas brasileiras. Inicialmente, o programa era destinado a alunos do Ensino Fundamental, com o tema “O lugar onde vivo” trabalhado em três gêneros: reportagem, texto de opinião e poesia. Desde a sua criação, vem passando por transformações e já abarca estudantes também do EM.

Freitas (2009) acredita que trabalhar o artigo de opinião no contexto escolar, tal como é proposto pela Olimpíada, trata-se de uma mudança de concepção, de tratamento didático na prática de produção de textos e não de mera mudança de nomenclatura de gênero redação escolar para gênero artigo de opinião. Para chegar a essa conclusão, a autora analisou e identificou, em nove exemplares de artigo de opinião das Olimpíadas de Língua Portuguesa, seis movimentos retóricos, a saber:

☞ **Movimento (I): identificar o título e autoria** – informa o título e o articulista.

☞ **Movimento (II): apresentar uma questão polêmica** – introduz questões controversas e polêmicas de relevância social e sintoniza o leitor dentro da questão a ser abordada no artigo.

- ☞ **Movimento (III): apresentar posicionamento** – aponta a posição tomada pelo articulista, defendendo-a, utilizando argumentos consistentes e bem fundamentados, apresentando convicção na tomada de posição.
- ☞ **Movimento (IV): apresentar os argumentos** – contextualiza a questão abordada no texto, explicitando mediante a apresentação de argumentos (prova, indício) e dialoga com diferentes pontos de vista que circulam sobre a polêmica.
- ☞ **Movimento (V): apresentar a conclusão** – apresenta uma avaliação, encerramento, por parte do articulista, de forma positiva ou negativa, apresentando considerações finais, previsão de futuro em relação aos fatos relatados ou em relação aos argumentos que norteiam a interpretação exposta, podendo oferecer uma solução.
- ☞ **Movimento (VI): apresentar dados de identificação do autor** – expõe elementos que podem levar o leitor a um contato extra com o articulista.

Esses movimentos retóricos identificados por Freitas (2009) nortearam nossa análise. Eles serviram de parâmetro para observarmos como os vencedores da Olimpíada (2012) organizaram a informação em seus artigos de opinião. Explicitamos, a seguir, como procedemos.

Metodologia de Análise

Nossa análise contempla, primeiramente, a verificação da estrutura retórica dos artigos de opinião, conforme Freitas (2009), utilizando o princípio do *CARS* de movimentos retóricos com o objetivo de verificar a distribuição das informações destacadas nos artigos de opinião analisados, ou seja, identificar os movimentos retóricos materializados nos textos. Em seguida, comparamos se houve ou não alteração na estrutura retórica encontrada em Freitas (2009) em cinco artigos de opinião vencedores em 2012.

Para exemplificar os dados, optamos por destacar fragmentos dos textos analisados, enumerando-os e identificando a qual texto eles se referem. Esse procedimento pode

auxiliar o leitor na compreensão dos resultados. Também, adotamos as siglas para marcar as ocorrências de movimentos retóricos: MI, MII, MIII, MIV, MV e MVI. Ainda, apresentamos a porcentagem de ocorrência dos movimentos. Inicialmente, apresentamos e descrevemos o *corpus* da pesquisa.

Ressaltamos que os textos vencedores foram publicados em forma de livro em PDF (https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/1932/2012_vencedores_livro.pdf) e disponibilizado no site da Olimpíada. A publicação dos textos garante a autoria dos jovens estudantes/articulistas e possibilita a pesquisa científica dos textos com fins pedagógicos. Usamos o recurso de citação texto/autor dos artigos de opinião no decorrer da análise. Em seguida, apresentação e análise os dados.

Apresentação e Descrição do *Corpus* de Pesquisa

O *corpus* deste estudo é constituído por um conjunto de cinco textos divulgado no site da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, edição 2012 que se refere à 3ª edição da Olimpíada. O quadro 1, a seguir, apresenta os textos analisados na ordem como aparecem no Livro “Os vencedores...” (CENPEC, 2012), assim:

Quadro 1 – Apresentação do *corpus* da pesquisa

Nº	Título	Discente	Docente	Escola/Estado
1	Revolução verde?	Carloci d’Avila Menezes	Luiz Carlos leivas Saldanha	E. E. E. M. Marechal Hermes – Santa Margarida do Sul (RS)
2	O Haiti é aqui	Paulo Renan de Souza Figueiredo	Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio	E.E. Professor José Rodrigues Leite – Rio Branco (AC)
3	Natal: Noiva do Sol, Amante da Prostituição	Taiana Cardoso Novais	Ladmires Luiz Gomes de Carvalho	E. E. E. Professor José F. Machado – Natal (RN)
4	Os piratas do rio Amazonas	Ana Lina Souza de Oliveira	Lilian Torres Chaves	E.E. Rivanda Nazaré da S. Guimarães – Macapá (AP)
5	A favor da memória	Patrícia Vieira de Queiroga	Sandra Regina de Oliveira Lúcio	E. E. E. F. M. Monsenhor Vicente Freitas – Pombal (PB)

Fonte: Elaboração própria das pesquisadoras.

Como se pode verificar, o quadro 1 traz o título, a identificação do/a discente (autor/a), do/a docente (orientador/a), da escola e do estado de origem. Foram vencedores

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê Temático em Linguística Aplicada: horizontes multidisciplinares, Sinop, v. 10, n. 23, p. 26-49, outubro 2017.

dois alunos e três alunas. Sendo os primeiros, das Regiões Sul e Norte do nosso país. As alunas, por sua vez, duas representam a Região Nordeste e uma a Região Norte.

No texto (1), *Revolução verde?*, o autor comenta sobre a intensificação da revolução verde ocorrida a partir de 1970 e contextualiza a participação da cidade dele – Santa Margarida do Sul – nesse processo e posiciona-se contra uso de agrotóxicos na produção de alimentos. Já no texto (2), *O Haiti é aqui*, o autor realiza a contextualização da situação do Acre: a entrada de haitianos no Estado, ocorrido em 2010. Argumenta a favor de se prestar ajuda humanitária a quem precisa. No texto (3), *Natal: Noiva do Sol, Amante da Prostituição*, a autora se preocupa em mostrar o porquê de a cidade de Natal ser considerada noiva do Sol e amante da prostituição e propõe um questionamento sobre por que a indústria do turismo tem crescimento exponencial.

No texto (4), *Os piratas do rio Amazonas*, a autora realiza a contextualização da localização e riqueza do Amapá/Macapá e destaca o problema da pirataria, principalmente dos recursos hídricos. Por fim, no texto (5), *A favor da memória*, a autora apresenta a questão polêmica: preservar ou não a chaminé da fábrica da Brasil Oiticica, monumento histórico de sua cidade Pombal-PB, e se posiciona positivamente pela preservação da chaminé.

Apresentação e Análise dos dados

Nos dados obtidos por meio da análise dos cinco textos que compõe o material da pesquisa, os seis movimentos retóricos (FREITAS, 2009) aparecem em todos os textos e atendem ao conceito de artigo de opinião apresentado por Abaurre e Abaurre (2007) e Cavalcanti (2011).

No conjunto dos seis movimentos retóricos, constatou-se que os movimentos (I) e (II) apresentam-se logo no início em todos os textos, numa sequência ordenada, caracterizando-os como movimentos obrigatórios, o que pode significar que identificar o texto e apresentar o seu fio condutor é fundamental para a construção do gênero artigo de opinião, ou seja, sem questão polêmica não existe artigo de opinião. O M (I) – *identificar o*

título e autoria - no *corpus* analisado, sempre ocorre no início e recuado à esquerda e trata-se da apresentação do título seguido do nome do autor (articulista). Assim, podemos exemplificar com:

(1) *Revolução Verde?*, Carloci d'Avila Menezes (CENPEC – Texto 1, 2012, p. 31)

O articulista sintetiza no título (1) a questão polêmica do uso de agrotóxicos na produção de alimentos e usa como estratégia o emprego da frase interrogativa direta. Na sequência, assina o texto, assumindo ser autor do mesmo e, por consequência, assume a responsabilidade pelas informações e ideias apresentadas.

O M(II) – *apresentar uma questão polêmica* – pode ser exemplificado com o seguinte excerto:

(2) É evidente o motivo pelo qual a cidade de Natal é conhecida como Noiva do Sol. Tudo se deve às belas praias aqui existentes, ao céu quase sempre ensolarado, ao clima quente e convidativo. O inimaginável, no entanto, é o que se esconde à noite nessas mesmas praias: o turismo sexual, que dá à cidade a alcunha de Amante da Prostituição. (CENPEC – Texto 3, 2012, p. 35)

A articulista inicia esclarecendo ao leitor o motivo pelo qual a cidade de Natal é conhecida como a Noiva do Sol. Para mostrar a oposição entre *Noiva* e *Amante da Prostituição*, informações apresentadas no título do artigo, a autora, já no final do segundo período, insere a informação de que o clima é *quente* e *convidativo*. No período seguinte, encerra a ideia apresentando o lado obscuro das noites natalenses: a prostituição e faz isso de modo a criar uma expectativa no leitor (*O inimaginável...*). E a partir dessa explicação, ao longo do primeiro parágrafo e do segundo, a autora introduz a problemática que atinge a população de Natal que se refere à indústria do turismo sexual.

O M(III) – *apresentar posicionamento* – indica a tomada de posição do articulista como em:

(3) Sou plenamente a favor da entrada de haitianos no Brasil. Defendo veementemente que é função nossa, neste momento de calamidade, prestar ajuda humanitária a quem dela necessita. *Para os imigrantes, a possibilidade de um trabalho seria uma forma de garantir*

a própria sobrevivência e enviar ajuda à família. (CENPEC – Texto 2, 2012, p. 34, destaque nosso)

O articulista do Texto 2 se posiciona a favor da imigração haitiana no Brasil, notadamente no Estado do Acre (*Sou plenamente a favor... Defendo veemente que...*). E já apresenta argumentos assentados no benefício que a imigração traria para os imigrantes.

O M (IV) – *apresentar os argumentos* – contextualiza a questão abordada no texto, como se pode constatar em:

(4) Há ainda aqueles que argumentam que não se deve preservar algo que, de certa forma, contribuiu, mesmo que indiretamente, para a II Guerra Mundial. Ora, dessa forma, grandes monumentos históricos que tiveram relação direta com barbáries deveriam ser demolidos. Só para citar dois exemplos: o Coliseu, palco de espetáculos degradantes- na sua inauguração, os “jogos” lá realizados causaram a morte de 9 mil animais e 2 mil gladiadores; e o Muro de Berlim, que dividiu as Alemanhas Ocidental e Oriental- a parte do muro preservada é hoje o ponto turístico mais visitado da Alemanha. (CENPEC – Texto 5, 2012, p. 39-40)

A articulista do Texto 5, depois de argumentar que a preservação da chaminé pode trazer benefícios econômicos para Pombal - PB caso fosse transformada em ponto turístico da cidade e ser, mais que isso, um legado histórico para próximas gerações e, ainda, um monumento artístico existente em somente mais quatro lugares do mundo, a autora agrega à argumentação o parágrafo que apresentamos em (4). Nele, a autora contra-argumenta àqueles que defendem a demolição afirmando que outros monumentos históricos deveriam também ser demolidos, uma vez que também abrigaram acontecimentos repreensíveis.

De acordo com Freitas (2009), toda questão polêmica gera discussões porque existem pontos de vista diferentes: uns contrários, outros a favor sobre o assunto. Por isso, nos textos analisados, neste artigo, os articulistas, ao escreverem, apresentaram uma organização em que ora se posicionaram (M (III)) a favor ou contra, ora argumentaram (M (IV)).

O M(V) – *apresentar a conclusão* – apresenta uma avaliação, encerramento, por parte do articulista, podemos verificar isso em:

(5) [...] Portanto, é importante que a comunidade se mobilize para garantir à chaminé a condição de patrimônio histórico material imóvel de nossa comunidade, para que se mantenha viva, na memória coletiva, a lembrança de um caminho percorrido e para firmarmos nossas raízes. (CENPEC – Texto 5, 2012, p. 39-40)

A articulista, por meio do emprego do conectivo *portanto*, introduzido no último período do último parágrafo do Texto 5, busca reforçar a posição anteriormente assumida: a defesa pela preservação da chaminé. E acompanhado a esse conectivo, a autora chama a responsabilidade da comunidade para a causa que ela defende, usando para isso a estrutura: [...] *é importante que* [...].

O M(VI) – *apresentar dados de identificação do autor* – refere-se, no corpus analisado, à identificação do/a professor/a orientador/a, escola, cidade e estado. Sempre ocorre no final do texto, recuado à direita, como por exemplo:

(6) *Professora: Lilian Torres Chaves, Escola: E.E. Rivanda Nazaré da S. Guimarães – Macapá (AP)* (CENPEC – Texto 4, 2012, p. 38).

Os seis movimentos do artigo de opinião, conforme Freitas (2009), foram identificados no *corpus* analisado. Passamos para a síntese da ocorrência deles.

Ocorrências dos Movimentos Retóricos

A ilustração, a seguir, apresenta a frequência de ocorrências dos movimentos no conjunto de textos analisados:

Tabela 1 – Porcentagem das ocorrências dos movimentos retóricos nos textos analisados

MOVIMENTOS	OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
M I: identificar título e autoria	5	12,8%
M II: apresentar questão polêmica	8	20,5%
M III: apresentar posicionamento	6	15,3%
M IV: apresentar argumentos	10	25,6%
M V: apresentar conclusão	5	12,8%
M VI: apresentar identificação do autor	5	12,8%
TOTAL	39	99,8%

Fonte: Elaboração própria das pesquisadoras.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 1, todos os movimentos retóricos aparecem em todos os cinco artigos. Além de evidenciar que há a recorrência de um mesmo movimento em um mesmo texto, sendo, portanto, contado mais de uma vez. Somando as ocorrências de todos os movimentos nos cinco textos, temos um total de 39 ocorrências.

O M (IV), *apresentar os argumentos*, foi o que demonstrou maior registro (10 ocorrências), seguido pelo M (II), *apresentar uma questão polêmica*, (8 ocorrências) e do M (III), *apresentar posicionamento*, (06 ocorrências). O M (V), *apresentar a conclusão*, registrou 05 ocorrências juntamente com o M (I), *identificar o título e a autoria* e o M (VI), *apresentar dados de identificação do autor*.

Apresentamos, na Tabela 2, a seguir, a síntese das ocorrências dos movimentos retóricos nos textos analisados em Freitas (2009). Isso, para que possamos proceder à comparação entre a análise realizada neste artigo e a da autora. Observamos as ocorrências de cada movimento, considerando que foram nove textos analisados em Freitas (2009) e cinco nesta pesquisa.

Percebemos que M (IV), nos dois *corpus*, apresenta mais ocorrências, em relação a M(II) e M(III). É possível verificar que em Freitas (2009) os articulistas se empenham mais em apresentar um posicionamento do que apresentar a situação polêmica. Nos textos que analisamos ocorre o inverso: os articulistas se empenham em apresentar uma questão polêmica mais que apresentar um posicionamento. No que tange a M(I) e M(V) podemos verificar que nos dados de Freitas (2009) eles aparecem mais de uma vez, diferente do que observamos nos nossos dados, como podemos constatar na Tabela 2.

Tabela 2 – Porcentagem das ocorrências dos movimentos retóricos nos textos analisados em Freitas (2009)

MOVIMENTOS	OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
M I: identificar título e autoria	13	18,57%
M II: apresentar questão polêmica	10	14,28%
M III: apresentar posicionamento	12	17,14%
M IV: apresentar argumentos	15	21,42%
M V: apresentar conclusão	11	15,71%

M VI: apresentar identificação do autor	9	12,85%
TOTAL	70	99,97%

Fonte: Freitas (2009)

Na Tabela 3, a seguir, apresentamos uma síntese das ocorrências dos movimentos retóricos em cada um dos textos analisados. Por meio dessa Tabela, também podemos perceber que cada articulista materializa os movimentos retóricos de modo bem particular, uma vez que há uma variação considerável de autor para autor o que corrobora a pesquisa de Freitas (2009). Podemos verificar, por exemplo, que o articulista do Texto 2 se empenha mais na apresentação de argumentos, recorrendo ao M (IV) três vezes.

Em suma, a Tabela 3 mostra os números citados na Tabela 1 a fim de facilitar o entendimento do leitor referente à visualização da frequência de ocorrências dos seis movimentos retóricos presentes nos cinco artigos de opiniões analisados.

Tabela 3 – Quadro de ocorrências dos movimentos no corpus

TEXTO	MOVIMENTOS									TOTAL
1	MI	MII	MIV	MIII	MV	MVI				06
2	MI	MII	MIV	MII	MIV	MIII	MIV	MV	MVI	09
3	MI	MII	MIV	MIII	MIV	MV	MVI			07
4	MI	MII	MIV	MIII	MII	MIV	MIII	MV	MVI	09
5	MI	MII	MIV	MII	MIV	MIII	MV	MVI		08

Fonte: Elaboração própria das pesquisadoras.

No conjunto dos seis movimentos retóricos, verificamos que o M (I) aparece no início em todos os textos de forma ordenada, pois a identificação do autor é fundamental e o M (II) surge da necessidade de que todo artigo de opinião precisa de uma questão polêmica, portanto, ambos se tornam movimentos obrigatórios, como também foi evidenciado na pesquisa de Freitas (2009).

Os movimentos (III), (IV) e (V) aparecem de maneira alternada na sequência dos movimentos retóricos, como podemos verificar na organização retórica do Texto 2 (Tabela 3) em que há a ocorrência do M(III) entre um M(IV) e M(V). O fragmento a seguir ilustrar isso:

Revista de Letras Norte@mentos

[...] Somos o único Estado da federação que lutou para ser brasileiro, escrevendo com sangue de “seringueiros revolucionários” uma das mais belas páginas da história de nossa nação.

Sou plenamente a favor da entrada de haitianos no Brasil. Defendo veementemente que é função nossa, neste momento de calamidade, prestar ajuda humanitária a quem dela necessita. Para os imigrantes, a possibilidade de um trabalho seria uma forma de garantir a própria sobrevivência e enviar ajuda à família. Diante da singular situação que se apresenta, penso que acolher os estrangeiros é a atitude mais coerente, porque nós, acrianos, sabemos bem como é nos sentir “estrangeiros em nossa própria nação”. [...] (CENPEC – Texto 2, 2012, p. 34).

O autor do texto apresenta argumentos sobre a permanência dos haitianos no Acre, caracterizando M(IV), iniciando em: *Somos o único Estado...* Logo após, se posiciona de modo favorável à entrada haitiana no estado dele afirmando que *é plenamente a favor*, evidenciando um M (III). O período que se inicia com *Para os imigrantes* apresenta um M (IV), pois o autor apresenta mais um argumento a favor dos imigrantes. A partir de *Diante da singular situação*, o articulista começa a construir o encerramento do texto, ou seja, a apresentação da conclusão (MV).

Com a Tabela 4, visamos a ilustrar as ocorrências de movimentos retóricos em Freitas (2009). Adaptamos a formatação do quadro apresentado pela autora de modo que as similaridades e/ou diferenças se tornem mais visíveis ao compararmos as Tabelas 3 e 4.

Tabela 4 – Quadro de ocorrências dos movimentos em Freitas (2009)

TEXTO	MOVIMENTOS									TOTAL
1	MI	MVI	MI	MII	MV	MIV	MIII	MV		08
2	MI	MVI	MI	MII	MIV	MIII	MIV	MV		08
3	MI	MII	MIV	MIII	MV	MIV	MV	MI	MVI	09
4	MI	MII	MIII	MIV	MIII	MV	MI	MVI		08
5	MI	MII	MIII	MIV	MIII	MIV	MV	MVI		08
6	MI	MII	MIV	MIII	MIV	MV	MVI			07
7	MI	MII	MIV	MIII	MIV	MIII	MV	MVI		08
8	MI	MII	MIV	MIII	MV	MVI				06
9	MI	MII	MIII	MIV	MII	MIV	MV	MVI		08

Fonte: Adaptado de Freitas (2009)

O M (V) que trata da conclusão do texto com o intuito de intensificar a visão defendida pelo autor também aparece em posição fixa e antecede o M (VI) no corpus

analisado, diferindo do corpus analisado em Freitas (2009) conforme podemos visualizar na Tabela 4. Em todos os textos do corpus, o M (VI) está presente somente no final do texto como informação a parte, diferente do que ocorre nos dados apresentados em Freitas (2009).

Verificamos, comparando as Tabelas 3 e 4, que houve nos textos vencedores da Olimpíada de Língua Portuguesa (2012) mais regularidade no emprego dos movimentos retóricos em relação aos textos analisados por Freitas (2009). Também, como podemos notar, a ocorrência do M(IV), nos cinco textos analisados, aparece antes do M(III) e em mais de uma ocorrência.

Retomando as questões de pesquisa

Respondendo as questões propostas inicialmente neste artigo, temos para a questão (1): *Que movimentos retóricos compõem a estrutura retórica dos artigos de opinião vencedores da Olimpíada de Língua Portuguesa 2012?*, que os movimentos retóricos que compõem os artigos de opinião são aqueles identificados em Freitas (2009), a saber: (a) M (I): identificar título e autoria; (b) M (II): apresentar questão polêmica; (c) M (III): apresentar posicionamento; (d) M (IV): apresentar argumentos; (e) M (V): apresentar conclusão; e, (f) M (VI): apresentar identificação do autor.

Para a questão (2): *Houve alguma mudança no emprego da estrutura retórica de artigos de opinião dos vencedores da Olimpíada de Língua Portuguesa de 2012 em relação aos movimentos retóricos analisados em Freitas (2009)? Caso sim, quais?*, verificamos que houve mudança no emprego dos movimentos que compõem os artigos de opiniões de acordo com os movimentos identificados em Freitas (2009), como menor variação da posição dos movimentos na organização retórica e realização do M(VI) sempre na posição final.

Os articulistas utilizaram os movimentos retóricos como forma de manifestar a linguagem para se comunicar de forma eficaz e persuasiva por meio de uma questão polêmica que gera vários pontos de vista, ora a favor, ora contra. Outra diferença que nos chamou atenção foi, no nosso *corpus*, o M(IV) anteceder o M(III), como podemos constatar

na Tabela 3, questão que não apareceu no *corpus* de Freitas (2009), porém relaciona-se ao que a autora comenta sobre a não recorrência de uma sequência em que os movimentos aparecem nos textos.

Considerações Finais

Aprender a debater é muito importante, tanto para as atividades desenvolvidas na escola quanto fora dela. Mas é necessário que os alunos aprendam a debater, a opinar oralmente ou por escrito. Escrever um texto de opinião argumentando de forma clara, lógica e ordenada é uma habilidade que se aprende. Cabe, então, à escola orientar os alunos em relação aos aspectos específicos de gêneros que contemplem a argumentação, auxiliando-os na organização escrita do que, de certa forma, eles já são capazes de fazer como falante da língua portuguesa, como defende Freitas (2009). Para isso, pedagogicamente, uma estrutura retórica pode ser útil.

As discussões teóricas a respeito de gênero e a análise dos artigos de opinião vencedores da Olimpíada (2012), em comparação com a análise de Freitas (2009), nos possibilitaram um exercício de aplicação e de construção de conhecimentos. Essa prática pode auxiliar o docente na proposição de atividades de leitura e escrita em sala de aula, de modo que contribuam para que o discente compreenda o funcionamento de cada um dos movimentos retóricos na/para a composição de artigos de opinião e como esses movimentos podem compor outros gêneros textuais.

A aplicação da abordagem de gênero textual na vertente sociorretórica, em sala de aula, representa uma possibilidade de alicerçar o discente para a realização de atividades de leitura e escrita para além das atividades escolares. A aprendizagem dessas habilidades, nessa perspectiva de gênero textual, exige a consideração da comunidade discursiva e o entorno dela. Os sentidos dos textos se constituem socialmente, bem como a função que os textos desempenham nas múltiplas relações socioculturais ordinárias com as quais interagimos a todo momento. O estudante precisa refletir acerca dessas questões.

A discussão da configuração dos textos nas/pelas diferentes comunidades discursivas pode auxiliar o discente na apropriação de características de gêneros textuais que podem auxiliá-lo na realização de ações/intervenções sociais, como por exemplo, para convencer o outro de uma opinião, participar de uma entrevista de emprego, vender um produto, escrever um relatório, uma carta de reclamação entre outras ações. Enfim, buscar uma vivência pedagógica com os gêneros textuais na escola, de modo que eles constituam uma base na qual os discentes tenham segurança para realizar escolhas retóricas e discursivas para participarem com êxito em diversas e diferentes atividades de linguagem, representa uma possibilidade de realização de uma educação linguística, que é, nos termos de Travaglia (2003, p. 26):

o conjunto de atividades de ensino aprendizagem, formais e informais, que levam uma pessoa a conhecer o maior número de recursos da sua língua e a ser capaz de usar tais recursos de maneira adequada para produzir textos a serem usados em situações específicas de interação comunicativa para produzir efeito(s) de sentido pretendido(s).

A definição de educação linguística proposta por Travaglia (2003) vem ao encontro do trabalho pedagógico fundamentado na perspectiva sociorretórica de gênero. Práticas de linguagem, que privilegiem a compreensão mais ampla da retórica de gêneros, podem contribuir para a promoção de mudanças no âmbito dos processos educacionais. Tais mudanças caminham em direção à equidade social, compromisso da educação linguística, conforme determinado pelas legislações vigentes.

Referências

ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE, M. B. M. *Produção de texto: interlocução e gêneros*. São Paulo: Moderna, 2007.

ARANHA, S. *A argumentação nas introduções de trabalhos científicos da área de Química*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê Temático em Linguística Aplicada: horizontes multidisciplinares, Sinop, v. 10, n. 23, p. 26-49, outubro 2017.

_____. *Contribuições Linguísticas para a argumentação da introdução acadêmica*. Tese. (Doutorado em Letras Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, 2004.

_____. A busca de modelos retóricos mais apropriados para o ensino da escrita acadêmica. *Revista do Grupo de Estudos Linguísticos - GEL*, Araraquara, v. 4, n. 2, p. 97-114, 2007.

BHATIA, V. K. *Analysing genre: language use in professional settings*. London: Longman, 1993.

BAZERMAN, C. Performance Textual: localizando a ação à distância. In: BAZERMAN, C. *Gênero, agência e escrita*. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006, (Cap. 9) p. 115-133.

_____. Prefácio. In: BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. *Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino*. Tradução de Benedito Gomes Bezerra [et al]. São Paulo: Parábola, 2013, p. 13-14.

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. *Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino*. Tradução de Benedito Gomes Bezerra [et al]. São Paulo: Parábola, 2013.

CAVALCANTI, R. J.S. O gênero artigo de opinião: critérios definidores e transposição didática. *VI SIGET*, agosto de 2011. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Ricardo%20Jorge%20de%20Sousa%20Cavalcanti%20\(IFAL\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Ricardo%20Jorge%20de%20Sousa%20Cavalcanti%20(IFAL).pdf)>. Acessado em: 28 de maio de 2014.

CENPEC. *Textos vencedores da Olimpíada edição 2012*. 3ª Edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: Poema, Memórias Literárias, Crônica e Artigo de Opinião. São Paulo: Cenpec, 2012, 40p. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/images/stories/publico/material/2012_vencedoreslivro.pdf>. Acessado em: 28 de maio de 2014.

FREITAS, É. S. *O gênero artigo de opinião do programa escrevendo o futuro: estudo de caso*. 107f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul. Tubarão-SC: 2009.

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, MOTTA-ROTH, D. *Gêneros teorias, métodos, debates*. Parábola Editorial, 2005. p. 108-129.

HYLAND, K. *Genre and second language writing*. United States of America: University of Michigan Press, 2004.

SILVA, A. R. A abordagem sociorretórica de gêneros do discurso: o artigo de opinião no ensino médio. *1ª JIED – Jornada Internacional de Estudos do Discurso*, março de 2008. Disponível em: < <http://www.dle.uem.br/jied/> >. Acessado em: 16 de jun. de 2014

SOUZA, L. V. *As proezas das crianças em textos de opinião*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SWALES, J. M. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. New York: Cambridge University Press, 1990.

_____. *Research genres: explorations and applications*. New York: Cambridge University Press, 2004.

_____. Worlds of Genre: Metaphors of Genre. In: BAZERMAN, C.; BONINI, A.; FIGUEIREDO, D. (orgs.). *Genre in a changing world*. X ed. Santa Barbara, CA: The WAC Clearinghouse and Parlor Press, 2009. p. 291-313.

TRAVAGLIA, L.C. *Gramática: ensino plural*. São Paulo: Cortez, 2003.

ANÁLISIS DE LA ESTRUCTURA RETÓRICA DE ARTÍCULOS DE OPINIÓN: SUBVENCIONES PARA LA ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE DE LA LECTURA Y ESCRITURA

RESUMEN

Este artículo presenta un análisis del funcionamiento de la estructura retórica del género artículo de opinión, es decir, el funcionamiento de las diferentes partes que la componen. Por lo tanto, hemos analizado la estructura retórica de cinco textos seleccionados como ganadores en la Olimpiada de Lengua Portuguesa. El análisis permitió comprobar que los movimientos que componen la estructura retórica de este género se mantuvieron sin cambios en los distintos textos, pero los escritores (estudiantes) la utilizaron de manera particular. El conocimiento de las características de cada movimiento dentro de la estructura retórica puede ser una herramienta útil para la enseñanza y el aprendizaje de la lectura y la escritura de textos de ese género textual.

Palabras clave: género textual, estructura retórica, herramienta de enseñanza y aprendizaje, la lectura y la escritura.

Recebido em 16/05/2017

Aprovado em 26/07/2017